

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes



João Câmara, Sem Título, 1966

ANO 1 - N.3- JUL. 2009

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) - Ano 1 - N.3 – Jul. 2009

ISSN: 2238-930X

Copyright © 2009, Blecaute: uma revista de Literatura e Artes • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Capa: **João Câmara** (1944 -), Sem título, 1966.

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Janailson Macêdo Luiz

janailsonmacedo@hotmail.com

João Matias de Oliveira Neto

j.matias@msn.com

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UEPB

800

R454 Revista Blecaute: uma revista de Literatura e Artes,
ano. 1, n. 3 (jul. 2009) – Campina Grande, 2009.
55 p. : il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio,
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.
Descrição baseada em: ano. 1, n. 3 (jul. 2009).

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3.
Literatura - Contos. 4. Literatura – Poemas. I. Título.

21. ed. CDD

Endereço Eletrônico:

www.revistablecaute.blogspot.com

Fale conosco:

revistablecaute@gmail.com

ÍNDICE

EDITORIAL	De Como não Produzir Literatura na Paraíba Os editores	5
CONTO	O Grande Recalcado Sidney Andrade	9
COLUNA	Um Lobo chamado Herman Hesse Franklin Jorge	12
POEMAS	Tese de Machado, Razão Nenhuma, Berimbau de Lua, Quarta Capa Lau Siqueira	14
ENSAIO	Metabiografia: uma Alternativa de Construção Biográfica Bruno Gaudêncio	17
CONTO	Embriaguez André Ricardo Aguiar	21
HUMOR	Cacofone Valdênio Freitas	23
CHARGE	Andinho	25
POEMAS	Para não amar, Proposta Indecente, Tempestade Vermelha, Absorção Elândia Duarte	26
ENSAIO	Uma leitora de contos Maria Alzira Blum Lemos	30
ESTANTE	Borboletas em Cinza: Salmos Profanos - Z. A. Feitosa Sebastião Costa Andrade	33
	O Homem e seus símbolos - C. G. Jung Janailson Macêdo	34
POEMAS	Eu, Incostante e outros poemas Jorge Elô	35
CONTO	Joana e o Homem de Pedra Anacleto Vieira de Sousa	43
ENSAIO	Poder, Dominação e Legitimidade em “O Poderoso Chefão” João Matias de Oliveira	47

DE COMO NÃO PRODUZIR LITERATURA NA PARAÍBA

Estará a Paraíba sofrendo uma espécie de apagão literário? Onde foram parar as nossas rodas de discussão literária e nossos eventos de literatura? O que os “imortais” das nossas academias de letras, os doutores de nossas universidades e os gestores municipais e estaduais estão fazendo para incentivar a produção literária nos municípios e no Estado? Estas são perguntas óbvias, mas que parecem esquecidas embaixo de um exemplar original, mofado e empoeirado de os Lusíadas, lá nos fundos da biblioteca de alguma das nossas academias de “imortais”.

Quando falamos de um suposto apagão literário na Paraíba, referimo-nos a três esferas distintas: leitura, divulgação e produção. Começemos falando sobre a leitura.

Sem pretender esgotar o assunto, vamos a alguns dos problemas que expressam ou geram a desvalorização da leitura na Paraíba, pontuando dificuldades presentes nos âmbitos nacional e regional, que se somam a problemas tipicamente locais, a saber: falta de incentivo a leitura para as crianças; ausência de boas livrarias; pequeno número de bibliotecas públicas; pouca divulgação das bibliotecas existentes; alto preço do livro no Brasil; indiferença dos governantes, que se sentem mais acomodados numa região saturada de analfabetos (e analfabetos funcionais); desvalorização da literatura e dos escritores nas grandes redes de comunicação brasileiras, sobretudo os que estão fora da região sudeste, os que não fazem parte da seleta relação dos cânones da literatura – que são apresentados pela mídia como semideuses, que não precisam ser lidos, mas sim contemplados - e aos escritores de outras regiões do país que não se limitem a criar representações estereotipadas de sua gente e seus locais de origem.

Nem mesmo as produções mais vinculadas à identidade paraibana, como os cordéis, por exemplo, escapam desse quadro. As novas gerações estão tendo amplo contato com estes e outros gêneros literários? Ou estas produções estão circulando apenas por uma pequena rede de pessoas? Quantos alunos concluintes do ensino médio, nas nossas redes públicas e privadas de ensino, já leram um cordel? Além disso, podemos destacar também a desvalorização das ditas produções ficcionais no nosso estado, gerada por um amplo desconhecimento de como as nossas percepções do mundo “real” não estão sustentadas em bases tão sólidas quanto os discursos instituídos tentam mostrar. É somado a isso um sentimento de impotência fortificado pelo poder (simbólico) das grandes redes de

comunicação, centralizadas no eixo Rio-São Paulo, onde geralmente é reproduzida, em escala nacional, uma imagem estanque, atemporal e estereotipada do paraibano, assim como do nordestino, recriando eternamente as imagens dos eternos porteiros, domésticas, comediantes, retirantes, habitantes das terras secas dos chãos rachados... Para rotular o paraibano são criadas generalizações que acabam também sendo internalizadas por nossos patrícios, o que faz com que eles se sintam, muitas vezes, inferiorizados perante os moradores de outras regiões.

O segundo ponto a ser tratado é a divulgação. Pense, se você é um escritor paraibano em início de carreira, prestes a publicar seus primeiros textos, em que portas vai bater? Que jornais ou revistas literárias vai procurar? Em que editoras vai tentar a sorte? E se você já tem contos, poemas, ensaios e textos literários de modo geral prontos para serem lidos, a quem vai procurar? Um aviso: as revistas e os jornais de literatura e artes na Paraíba estão em extinção, por isso, se você é o escritor do exemplo anterior e está pensando em buscar as formas tradicionais de publicação, vai ter que suar muito ou procurar as tão escassas *alternativas diferentes*, das quais falaremos mais adiante.

Sem reproduzir determinados complexos de inferioridade, não podemos deixar de considerar as dificuldades para um escritor paraibano conseguir publicar sua obra, pelas atuais regras do mercado editorial, nas grandes editoras do país, haja vista que elas estão focadas no mercado do sudeste, onde os escritores oriundos daquela região são privilegiados pela proximidade (física e simbólica) das editoras e do principal público alvo das suas publicações. Soma-se a isso a desproporção regional dos investimentos do Ministério da cultura, seja de forma direta, seja de forma indireta, como no caso dos incentivos ao mecenato através da Lei Rouanet, onde estados como São Paulo e Rio de Janeiro concentram quase todos os investimentos.

Finalmente, acerca da produção literária, já é um lugar comum afirmar que *nenhum artista nasce pronto*. O escritor não é diferente, precisa de tempo para desenvolver sua técnica e sua identidade artística. Mas como ele pode se desenvolver se não lhe é dado espaço para ser lido e criticado? É óbvio: sem publicar, o escritor não poderá se tornar conhecido, nem mesmo a nível local, o que faz com que, não só na Paraíba, muitos escritores em potencial se reúnam ao amplo número de pessoas que desistiram de correr atrás de seus sonhos.

Ademais, se na hora de lançar o primeiro livro o escritor não dispuser de (boa) verba para publicar sua obra de forma independente, terá ele que, na maioria dos casos, decidir

entre: 1) Publicar em pequenas editoras, contatadas quase sempre pela internet, que vão explorá-lo até a raiz; 2) Guardar seus originais até o dia em que possa bancar a publicação ou que as portas finalmente sejam abertas; 3) Desistir de publicar e continuar escrevendo no anonimato, sonhando que daqui a cem anos suas obras serão valorizadas, e que do silêncio da tumba ouvirá os sabichões do futuro falando: *olhem só o que ele produziu, era mesmo um homem a frente de seu tempo...*

Desta forma, basta considerar todo o contexto até agora discutido para perceber que revistas como a Cult-PB, a Correio das Artes, a Blecaute e outras de pequena circulação, como a já extinta Cordeletras, constituem a vanguarda da literatura no estado (junto a outras produções avulsas).

Não acreditamos que a literatura seja feita para poucos, para uma pequena e petulante elite intelectual; também não acreditamos que a falta de um hábito bem arraigado de leitura entre os paraibanos seja sinônimo de falta de cultura. Pelo contrário! Mas imaginem só: se com todos os problemas que enfrentamos, nós ainda conseguimos resistir e ter uma cultura forte, imagine se acrescentarmos mais um elemento (literário) nessa mistura toda? A falta de incentivo a leitura, a divulgação e a produção literária na Paraíba estão fundamentadas em questões culturais e políticas que, como muito esforço e incentivo, podem sim ser modificadas, criando-se uma nova realidade.

Mostramos aqui algumas das principais dificuldades de se produzir literatura na Paraíba; dificuldades causadoras do suposto apagão literário em que estamos imersos. A revista Blecaute, por circular por espaço que é em si democrático, a internet, constitui-se como uma das já citadas *alternativas diferentes* para a publicação de talentos literários em desenvolvimento. Todavia, Blecaute não nasceu para ser a luz redentora capaz de dar fim ao referido apagão literário, afinal, como dizia o poeta, *um galo sozinho não tece uma manhã...* Mas sim para criar espaços outros de discussão e divulgação literária, ou seja, primeiro precisamos ajudar a manter acesos muitos dos candeeiros que estão quase parando de brilhar. Talvez, com isso, poderemos atrair mais focos de luzes, que nos permitam transitar com mais calma pela escuridão da noite e mostrar aos que estão lá em cima (ou lá em baixo) que apesar da indiferença generalizada, continuaremos mostrando que é sim possível um novo alvorecer literário na Paraíba, terra de José Lins do Rego, Augusto dos Anjos, José Américo de Almeida, Ariano Suassuna, Lúcio Lins, Edilberto Coutinho, Manoel Monteiro, Arnaldo Xavier, José Camilo dos Santos... E tantos outros que foram reconhecidos, ou não, em vida ou após ela, pelos seus talentos literários.

Parece-nos que antes de fazer os habitantes das outras regiões enxergarem de outro modo os (artistas) paraibanos, deixando de lado os estereótipos típicos do “Paraíba”, temos que fazer com que nossos próprios conterrâneos passem a ver as verdades “imperceptíveis” colocadas, diariamente, diante de suas faces. O que nos leva a uma última indagação: não será a literatura um meio de desconstruir esses estereótipos, construindo outras imagens, outras representações acerca do nosso estado? Por fim, sem evocar a figura do *cabra macho*, podemos dizer que na Paraíba, literatura não se faz só com talento, inspiração e esforço, mas também com resistência, teimosia e coragem.

E que as luzes comecem a brilhar. Boa Leitura!

Os editores

| Conto

O GRANDE RECALCADO

Por Sidney Andrade

Um tremendo hipócrita.

Na infância, passou as tardes e noitinhas correndo dos punhos dos moleques, descalço, no barro. Chupou chupeta até depois de todas as outras crianças, sendo necessário um mergulho em pimenta para fazê-lo largar do apego tardio. À noite, já maiorzinho, olhou os carros cortarem a avenida – “Esse não, muito pequeno. Amarelo eu não gosto!”. Sem muito ânimo, andou sempre com os primos, foram caminhando diariamente à casa da tia como pretexto para passarem pela borracharia e espiarem as formas carnosas grudadas nas paredes de graxa. Ele nunca viu muita graça nisso, foi pra não ficar de fora, como sempre.

Na escola, o último a ser escolhido na queimada do recreio, o primeiro a ser acertado na cara. O último a ser olhado pelas menininhas, o último a olhar pra elas também, já que foi sempre o primeiro da turma. Não cochichou durante as aulas, não deu cola, jamais colou! Não saiu pro cinema com a galera. Mesmo assim, ainda fez uns poucos amigos que não gostou muito – não entendeu como puderam se apegar a ele assim. Não fez muita questão de tê-los, apesar da insistência. “Se querem ficar, que fiquem.”

Terminou a escola, inscreveu-se em três universidades públicas, passou de primeira nas três. Muito inteligente o rapaz. Teve de escolher apenas uma, já que optou pelo mesmo curso em todas. Pouco inteligente mesmo foi sua escolha. Curso bonito demais e rentável de menos, principalmente quando, em casa, tudo lhe pareceu faltar. Reclamou do conforto, protestou das finanças exaustivamente, mas achou de escolher uma profissão que não lhe garantiria o luxo cobiçado. Começou sem ânimo, foi por força do hábito de estudar. Desfrutou, encantado, da inédita sensação de liberdade e maturidade que era a de sair da sala de aula sem dar satisfações, à hora que quisesse – sempre bem antes da metade.

Não chegou a meio caminho do curso medíocre e sem futuro. Teve um problema de saúde crônico, incapacitante, que veio a prestações. A primeira crise o fez repensar em tudo e, num assomo de esperança retomada, a vida toda ficou bela, tão bonita de se ver quanto um bebê bochechudo e rosado. Viveu a paz de quem se satisfaz com a própria sorte,

esqueceu do passado, formulou futuros brilhantes. De súbito, passou a amar o curso universitário o qual ainda não era totalmente incapaz de frequentar. Ainda.

Veio a segunda crise, inesperada e injusta pra quem se julgou redimido pela primeira. Tornou-se inábil para concluir os estudos. Tudo cinza como as rugas de um velho, de novo – curso medíocre, vida medíocre, ele medíocre, pobre, feio, desempregado e incapaz.

Adulto, assumiu um ar de “infância difícil/adolescência conturbada”, passou a expurgar o rancor em escritos avulsos. Não os divulgava muito, mas um daqueles amigos insistentes do tempo da escola acreditou no seu potencial literário. O amigo conhecia um cara que conhecia um cara... de modo que os escritos renderam-lhe algum reconhecimento. Só reconhecimento, nada de lucro, nada daquele carro grande e não-amarelo do sonho de pivete. Mas ele não queria se importar com isso.

Em tempo algum sentiu-se amado ou, ainda pior, passível de o amarem. Contudo, bem no fundo – arre! Sempre no fundo, lá no fundo! – pedia o par perfeito, embora sua afirmação característica fosse a de que isso era utopia de tolos. Nunca namorou ninguém. Uma auto-pretendente, de repente, passou a chamar-lhe querido. Ele estranhou – “Por que você me ama?” –, mas sentiu-se desesperado para amá-la em retorno. Não conseguiu. Puniu-se por isso. Rendeu-lhe outro escrito genial.

Adotou a filosofia de que o dinheiro não é tudo. Pão com manteiga todo dia ajudou a fixar bem essa idéia na cabeça. Repudiou a forma predatória, voraz e impiedosa do sistema capitalista, subjugador das essências humanas, deturpador de ideais. Teria sido inspirador para Marx. Fez amigos pobres para não se sentir inferiorizado diante dos conhecidos ricos que vieram de brinde com seu sucesso de crítica. Seus feitos literários, vômitos cada vez mais freqüentes de uma raiva psicossocial, tornaram-no famoso entre os intelectuais de todo tipo – os ricos que fingiam ser cultos, os cultos que fingiam ser ricos... Riu deles, de sua falsa satisfação, de seu apego efêmero, de sua ingenuidade para com o que realmente importa na vida. Não sabia o que realmente importa, mas se ele, pobre, rejeitado e desgraçado desde sempre, não podia saber, tampouco um almofadinha poderia. Ouviu-os, atento, afinal qualquer coisa que lhe dissessem seria aproveitável para mais uns personagens brilhantes.

Certo dia, conversando com um de seus tantos “musos” abonados, resolveu perguntar-lhe sobre as posses e os rendimentos mensais. Não devia ter perguntado. O tal inquirido, homem de meia idade, feliz da vida, conhecia seus escritos e mais uns outros bons de crítica para disfarçar os livros de auto-ajuda que o preenchiam tão perfeitamente

(com estes descobriu o segredo para o trabalho perfeito, a residência perfeita, a esposa perfeita, os filhos perfeitos, o cachorro perfeito, o amante gay perfeito...), contudo não tinha bem certeza se “fingir” se escrevia com J ou G.

O riquinho informou-lhe com inadmissível naturalidade, para seu espanto e indignação, que ganhava mais no mês do que o custo de sua vida inteira de escassas regalias. Não devia ter perguntado. Embora já imaginasse a situação, ouvir as cifras exatas da voz de quem as esbanja foi demais. Não devia ter perguntado. Saiu com o tom de superioridade moral de sempre e um sapo que subiu-lhe ao gogó. Não devia ter perguntado! Pôs-se, então, como de costume, a vomitar suas revoltas. Quis cuspir este último sapo no papel. Não, não devia ter perguntado! Foi quando decidiu escrever sua autobiografia, intitulada “**O Grande Recalcado: Um Tremendo Hipócrita.**”

SIDNEY ANDRADE (Paraíba) - Graduando em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Mantém o blog *Divagante* (sidneyandrade.blogspot.com).

| Coluna

UM LOBO CHAMADO HERMAN HESSE

Por Franklin Jorge

Disse Clarice Lispector ter adquirido com Hermann Hesse a consciência do que desejava ser, como queria ser e o que deveria ser. Palavras que sintetizam a importância do escritor sobre jovens rebeldes do mundo inteiro, sobretudo a partir dos anos sessenta quando passou a ser lido e reverenciado como um verdadeiro guru por aqueles que se colocavam voluntariamente à margem do sistema. Era um desses autores que forçam o leitor a pensar, inclusive, sobre a impermanência das coisas e a grandeza do nada.

Em minha adolescência inquieta e fatigada, era o autor de “O Lobo da Estepe” um item imprescindível, especialmente para aqueles jovens que se inscreviam nas hostes do underground cultural. Porém, confesso que não era nenhum fanático, por considerar sua literatura muito centrada em culturas orientais e, portanto, muito distantes de minha própria experiência de vida e do meu pensamento, mais inclinado ao humanismo ocidental e ao existencialismo oriundo de Kierkegaard que desembocava em Sartre.

Hesse, por sua vez, estava associado ao movimento hippie que eu não compreendia ainda e que só conseguia levar relativamente a sério, embora já tivesse travado conhecimento com Tagore e Gibran Khalil Gibran. Para mim, constituía-se, esse movimento contracultural, de alienados [porraloucas] e fumadores de maconha que se opunham à guerra e, em seu aspecto mais palatável, pregavam a paz e o amor. Também diziam-nos inimigos de água e sabão. Quando os compreendi, passei a duvidar da opinião geral.

Sentia-me mais próximo dos existencialistas que se deixavam mergulhar numa náusea profunda resultante da consciência da gratuidade de tudo. Eu era, pois, um típico jovem intelectualizado de minha geração que lia Camus e Moravia e me entediava terrivelmente com Godard, modismo que como as demais felizmente passou. Hoje, Godard pertence mais à arqueologia do cinema do que ao cinema.

Porém algum resquício de romantismo me impelia a, secretamente, sonhar com utopias e, nisto, creio que diferia dos meus amigos que se entregavam a um hedonismo

profundo e inconsequente, pensava eu em meu afã de tornar-me escritor e através da criação de uma obra justificar a minha existência. Eles, ao contrário, tendiam a abster-se de toda ação, exceto do prazer, pois afinal tudo acabaria em Nada...

Estava nesse impasse existencial quando conheci Almir Borges, uns sete ou oito anos mais velho, que me proporcionaria infinitas viagens metafísicas ao descortinar-me mundos invisíveis através da leitura de autores naquela época ainda de difícil acesso, entre os quais, Kafka, Pound e Beckett que entraria no Brasil através do teatro – o teatro do absurdo que eu descobrira através do Cônsul americano no Recife, que me presenteara com um grande livro de Robert Brustein, “O Teatro de Protesto”.

Foi ele, Almir Borges, quem me apresentou a Harry Haller e me encareceu a leitura de Hermann Hesse, autor que falecera havia alguns poucos anos [1962] em Montagnola, Suíça, aos 85 anos, onde se refugiara para fugir aos ruídos do mundo ilusório.

Devoto de Hesse como tantos outros jovens, andava com um exemplar de “O Lobo da Estepe”, livro publicado em 1927, debaixo do braço. Segundo me disse, diante de minha relutância em lê-lo, destoava dos demais que escrevera o autor que fazia a ação transcórrer não no Oriente, mas na Europa, numa atmosfera sombria muito diversa que já prenunciava a catástrofe que viria.

Estigmatizado pela maldição de pensar, Harry Haller, personagem autodestrutivo e profundamente autobiográfico, seria a biografia da alma do próprio Hesse. Têm ambos, autor e personagem, um nome composto que começa pelas mesmas iniciais e o mesmo número de letras e, como Hesse, tentara o suicídio. Hesse, ao que se sabe, ainda menino quis pôr termo à vida. Era ainda, como o seu personagem, escritor e cultivavam ambos a mesma paixão pela filosofia e mitologia orientais.

Desde então Almir Borges associou-se em minha mente ao estranho e complexo personagem hessiano que vagava como um lobo, solitário e indomesticável, espreitando com olhos de águia, à procura do sentido da vida, como o lobo procurava a sua presa.

Em minha sede de tudo saber e tudo conhecer, mergulhei apaixonadamente no universo mental de Hesse, fixando-se apaixonadamente em Harry Haller, um homem — mas não obstante um lobo da estepe — que, em seu desenraizamento profundo, vagava insone pelas estepes da vida em busca do território perdido.

POEMAS DE LAU SIQUEIRA**tese de machado**

no entalhe
a madeira se reparte

com porte de quem
cumpre o rito criador

o machado parte

a árvore tombada
já não é a mesma

virou linguagem

substrato e signo de
abismo e arte

*

razão**nenhuma**

o que escrevo
eh apenas parte
do que sinto

a outra parte
finjo que minto

e acredito

*

berimbau de lua

antes que tudo
fuja aos meus pés

vou caminhando

isento das alegrias
fúteis e das tristezas
dispensáveis

vou como um bárbaro
mirando a lua

viajante do tempo

na beira de um açude
de coisas ocultas

caminho como quem
sabe das bifurcações
e dos disfarces

com medo do que
não amedronta
mais

*

ruído d'agua
no rio nascente
música dos peixes

*

quarta capa

O poeta é o que busca
na palavra a dimensão do átomo.
O silêncio extremo por detrás
de cada fato. O poeta é o etéreo e
o ácido na pele dos valores estáticos.

Estéticos são seus baralhos.

O poeta é o vapor barato
e o lance de dados. O acaso e o atalho.

Macalé e Mallarmé
no mesmo saco:

O poeta é um guapo!

LAU SIQUEIRA - (Rio Grande do Sul/Paraíba) – Poeta. Publicou *O Comício das Veias* (Editora Idéia-PB, 1993), *O guardador de sorrisos* (Trema Edições-PB, 1998), *Sem meias Palavras* (Editora Idéia-PB, 2002) e *Texto Sentido* (Edições Bagaço-PE, 2007). Participou de antologias como, *Na Virada do Século – poesia de invenção no Brasil* (Editora Landy-SP, 2002) e *Eispoesia* (Fundação Jose Régio, Coimbra, Portugal, 1999). Mantém o blog *Poesia Sim* (www.poesia-sim-poesia.blogspot.com) e *Pele Sem Pele* (www.lau-siqueira.blogspot.com).

| Ensaio

METABIOGRAFIA: UMA ALTERNATIVA DE CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA

Por Bruno Gaudêncio

Biografias: uma crítica por parte dos historiadores

A biografia pode ser definida como uma narração de fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem, podendo ser construída em diversas linguagens, como livros (as mais comuns), filmes, peças teatrais, entre outras. Gênero híbrido por natureza, que combina uma série de recursos e conceitos de vários campos do conhecimento social e humano (como, por exemplo, a literatura, a história, o jornalismo e a psicologia), a biografia foi durante muitos anos alvo de várias críticas por parte de diversos estudiosos, sobretudo historiadores, que consideravam-na um gênero menor.

Mas que motivações estão contidas nestas críticas por parte dos historiadores e de outros grupos de estudiosos? Segundo Vavy Borges, em seu ensaio *Grandezas e Misérias da Biografia*, a biografia seria uma prática exercida por um conjunto de indivíduos preocupados principalmente com o endeusamento de certos personagens e fatos históricos. Este autor assim argumenta sobre o assunto: "... a maioria das biografias realizadas não parece satisfazer os historiadores, por oscilar entre uma idealização simplista do personagem e falsas polêmicas a em torno de pessoas famosas, visando a uma grande vendagem; além disso, muitas se comprazem no anedótico, não no essencial". (Borges, 2005).

Atualmente este gênero vem passando por intensas transformações. Para isso, houve contribuições essenciais dos saberes literário, jornalístico e histórico quanto às práticas de captação de informação, e principalmente quanto à construção da narrativa, que agora tem uma preocupação clara e maior para com os fundamentos estilísticos e estéticos.

A trajetória de mudança de visão do historiador em relação à biografia, por sua vez, pode ser sentida através do discurso de um dos mais importantes historiadores do século XX, o francês Jacques Le Goff. Em 1989 o autor do clássico *História e Memória* afirmou: "a

biografia é um complemento indispensável da análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos”. Dez anos depois, em 1999, este autor vai ainda mais longe: “A biografia é o ápice do trabalho do historiador” (Borges, 2005). Já Philippe Levillain destaca em seu ensaio *Os Protagonistas: da Biografia* o florescimento da Biografia na França no fim das décadas de 1970, tanto no campo científico como também no campo editorial. No Brasil, o olhar do historiador para a Biografia também se intensifica no final da década de 1980.

O próprio Levillain nos relata em seu trabalho que A biografia e a História, durante muito tempo, mantiveram relações de alternativa e não de hierarquia ou de complementaridade. Ou seja, havia uma separação devida a uma herança da historiografia grega, que “situava a história do lado dos acontecimentos coletivos e colocava a biografia à parte, como uma análise dos fatos e gestos de um indivíduo cujo sentido era sugerido pelo autor.”

Theodore Zeldin nos afirma que a biografia acumulou ao longo do tempo um conjunto de características que valeram à qualificação de “gênero” no século XIX, sendo os positivistas seus maiores produtores. Durante quase todo o século XX as produções biográficas geraram uma espécie de repulsa em todos os outros paradigmas historiográficos, mas com alguns porenos. São exemplos destas exceções: Lucien Febvre e o Carlo Ginzburg. Ou seja, a própria Escola dos Anales, com alguns de seus principais representantes, tentou rever as implicações de como se trabalhar com este tipo de escrita sem cair nas armadilhas tradicionais de sua construção.

Voltando um pouco as implicações essenciais de sua construção narrativa e suas relações com o conhecimento histórico, um pensador moderno é considerado o principal crítico deste tipo de gênero. A saber: o sociólogo francês Pierre Bourdieu. Segundo ele, em seu pequeno ensaio denominado “Ilusão Biográfica”, existe a crença da ordenação dos acontecimentos de uma vida como uma história com começo, meio e fim, formando um conjunto estável e coerente de questões quanto a sua construção. Ou seja, as biografias, sejam elas quais forem, têm uma preocupação narrativa no sentido de linearidade, de trajetória sem rupturas, algo impensável na narrativa histórica moderna.

E é nesta perspectiva que propomos uma alternativa de construção biográfica para os historiadores, chamada de metabiografia; alternativa esta que se aproxima das chamadas metanarrativas, que são os escritos da moda na obra historiográfica contemporânea. Suas características serão descritas nos parágrafos seguintes.

Metabiografia: pequenos fundamentos estéticos

Idealizada pelo comunicólogo Sergio Vilas Boas, autor de uma recente tese de doutorado sobre o tema, apresentada na Universidade de São Paulo, o termo metabiografia faz referência a um tipo específico de biografia. Podemos defini-la como uma “história de vida extensa na qual o biografado explicita os impasses inerentes ao processo de biografar”. Também chamada de Biografia auto-reflexiva, para Vilas Boas, autor de muitos textos sobre o gênero, a metabiografia é um experimento em curso, uma arte inconclusa, pois sua construção envolve certas referências epistemológicas que ainda estão sendo construídos continuamente.

Na metabiografia o autor (Biógrafo) se posiciona diante das soluções e impasses inerentes ao seu trabalho e os explicita. Expõe as opções e os conflitos decorrentes da relação biografado-biografado. Com os documentos, ele busca problematizar e explicitar as dificuldades da memória das pessoas que conviveram com o personagem, indicando as possíveis lacunas de sua produção. Há neste conceito uma noção clara de que a biografia é uma construção simbólica. Há certo repúdio a objetividade, como também uma tentativa de fuga da função das chamadas ações sequenciais cronológicas (discutidas igualmente por Bourdieu em sua “Ilusão Biográfica”).

O personagem biografado é visto de maneira semelhante àquela utilizada pelo esteta para interpretar uma obra de arte. “Há uma jornada rumo à essência da construção biográfica e a essência do personagem em foco”. Cada fato é interpretado como um enigma estético, cuja psicologia do personagem deve ser compreendida através da consideração da forma caótica e desordenada da memória e dos acontecimentos.

E é desta maneira que a Metabiografia pode e deve ser uma boa possibilidade de construção biográfica para os historiadores e estudiosos de modo geral, pois sua construção se insere num jogo de estratégias narrativas que significam e fogem de velhos princípios de escrita tradicional e ineficiente. Sua essência toca no limiar da subjetividade, desaproxima de certos aspectos meramente científicos, visto que o autor (biógrafo) tem plena (ou deve ter) consciência de que esta construindo um personagem.

Bibliografia Básica:

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (orgs). **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: editora FGV, 1996. P. 183-191.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e Misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. P. 203-233.

LEVILLAIN, Phillippe. Os protagonistas: da biografia. IN: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 141-184.

VILAS BOAS, Sergio. **Metabiografia e Arte**: um problema de aproximação. In: Revista Comunicarte. São Paulo: s/d. P.73-89.

BRUNO GAUDÊNCIO (Paraíba) - Poeta e Ensaísta. Graduado em Jornalismo. Prepara o livro: O Ofício de Engordar as Sombras (Poesia).

| conto

EMBRIAGUEZ

Por André Ricardo Aguiar

Um tal João bebe e é no vício que ele se identifica. O problema é que por beber demais, apaga, se gasta como uma pilha – e quando se recupera, o mundo que sai da bruma alcoólica é outro. Uma vez se materializou num quarto estranho com pequenos objetos pingados, saídos de um bordel barato.

Não quis continuar e apagou de novo, só acordando à beira-córrego. Sabia apenas que eral mal casado, fodido e mal pago. Tinha uma mulher horrorosa que entoava salmos. E sempre na lavanderia com companhia de um canário. Então, saia para um bar, qualquer bar de um bairro sorteado. Bebia e fazia amizades com gente estranha que lhe pagavam umas doses. E João apagava, caía em transe. Mais uma vez. E acordava – ou ressuscitava, porque a morte recusava uma embriaguez total. O sacudia de volta para os mais estranhos lugares: debaixo do viaduto, entre folhinhas de calendário; entre as pernas de Zulmira, puta e adormecida com um cigarrinho aceso na mão; no elevador do edifício Vodka; numa madrugada sem vento, perto do posto policial, ao lado de uma encosta, com palmeiras ásperas e uns vigias noturnos queimando maconha. E a cada carraspana, João, entre perdido e curioso, bebia mais e mais (como a pensar até onde, por mais estranho, a bebida o levaria). Das últimas, sentindo pontadas de úlcera, despertou num estado de levitação entre o segundo e o terceiro andar de uma repartição. A volta para casa era penosa, desumana e ridícula, anunciando uma tragédia nunca alcançada. João prometeu, depois de uma briga devastadora com sua mulher, tomar o maior dos porres na companhia de marginais. Foi para o bar mais sórdido e tomou todas as misturas, embriagou-se em cores, cantou fados nunca dantes portugueses, até sentir, em suas veias, mais graduação do que glóbulos vermelhos. Quando pareceu vislumbrar uma claridade, uma cegueira branca, teve dúvidas se atravessara algum pórtico para o coma ou entrava para outra dimensão: acordou com frio, pesado, peludo e vago. Seus ossos rangeram em todas as dores, sua alma embrulhava-se. Só descobriu, a muito custo, ter ido longe demais quando, ao se arrastar naquela

imensidão branca, sentiu textura de neve em seus recém-adquiridos pelos. Caminhou lentamente rumo à geleira em sua forma de urso. Seu estômago ardia um incêndio. Urrando de dor e extinção, refugiou-se numa fissura, numa fenda apertada e cortante, enquanto os efeitos duradouros da bebida, aos poucos, e com tosca eficiência, derretia o falso cenário enregelado de um beco pintado de branco, com um sol de néon quase se apagando nos interstícios das lixeiras.

ANDRÉ RICARDO AGUIAR (Paraíba) - Poeta e Contista. Publicou *A flor em construção* (1992); *Alvenaria* (Prêmio Novos Autores Paraibanos, 1997); *O rato que roeu o rei* (2007) e *Pequenas renações* (2007). Colaborador assíduo do *Correio das Artes*, tem trabalhos publicados na revista *Poesia Sempre* e em antologias e jornais locais. Edita os blogues *Fábula Portátil* (<http://fabulaportatil.blogspot.com/>) e *Engrenagem* (<http://andricardoaguiar.blog.uol.com.br/>).

| Humor

CACOFONE

Por Valdênio Freitas

E se o primeiro astronauta a pisar na lua fosse gago? Horas e horas de ensaio em frente ao espelho do banheiro, buscas detalhadas em grandes metáforas da literatura pra buscar originalidade. E eis aquela que seria a frase de grande magnitude na ocasião em que pusesse o pé na superfície lunar até que... No momento certo tudo emperrasse na voz. Desonestamente o astronauta nº2 tomaria a frente da situação e diria fluentemente a tão aguardada citação, enquanto nosso viajante espacial cacofônico ficaria paralisado perante seu obstáculo fonador.

Porém, a história não é tão excludente com os gagos. Moisés, além de dividir o mar vermelho também dividia suas falas involuntariamente. Napoleão dava seus saltos vocais. Churchill era um stutter. Machado de Assis dava suas cacofonadas. Hitler... Não. Essa “celebridade” eu envio para o departamento dos vegetarianos (nada contra o pessoal que não come carne. Tenho pessoas queridas herbívoras. Gosto tanto delas que sinto como se fossem pedaços de mim).

Apresentando tais personalidades históricas que compartilham a cacofonia não pretendo construir um discurso eloquente em prol dos gagos e nem promover uma “parada do orgulho gago”. Intenciona-se aqui mostrar um processo de pensamento cacofônico.

Se há algum mudo lendo aqui deve estar rindo já que nunca gaguejarão na vida. Porém, temos nossa carta surpresa, já que nunca vi um padre no casamento dizer: “quem tiver algo contra esse matrimônio, fale agora ou gagueje pra sempre”. Pelo menos os gagos são esquecidos pelas temidas correções cristãs. Gra-graças a D-d- eus.

Gaguejar envolve toda uma sistemática:

- 1) Lá vem a palavra, a mente computa se dá ou não pra falar direitinho...
- 2) Há dúvidas se a palavra vai sair inteira ou vai ser dividida ou não vai sair nada.

Por isso dicionário de sinônimos. Urgente!

- 3) Sinônimos na busca. Caso não haja sinônimo, serve o uso de frases “aquela coisa” ou “tu sabe né? Aquilo.”

4) Caso haja sucesso na busca de um sinônimo que consiga ser falado normalmente podemos causar uma situação lucrativa. Afinal, vamos elaborar uma linda frase que nem todo mundo fala usando palavras bem sonoras enquanto que todo mundo usa vocábulos comuns. Isso é empolgante, mas às vezes empolga tanto que vem a ansiedade e... gagueja.

5) Finalmente, sucesso nas etapas. A frase sai sonora, linda, fluente após um trabalho de lapidação feito em equipe (mente, sons, cordas vocais). Enfim, a comunicação é estabelecida.

Toda essa descrição me faz pensar o quanto nós gogos devemos odiar pessoas que não escutem bem. Sim, é horrível. Imagine que após todo o esforço vocal desse processo a pessoa que esta escutando diz: “Hã? poderia repetir por favor...”

VALDÊNIO FREITAS MENESES (Paraíba) – Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande e responsável pelo blog: <http://www.oaeropago.blogspot.com>

| Charge



ANDINHO (ANDERSON WAGNER DA SILVA BARBOSA) (Paraíba) – Desenhista e graduando do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

| Poemas

POEMAS DE ELÂNDIA DUARTE

Para não amar

Não, não surjas em mim agora.

Não posso, não quero, não estou pronta.

Preciso voltar a sentir a calma de mim mesma,
me reencontrar.

Por hora só amores vulgares... Efêmeros.

Acordas só quando o pôr-do-sol se fizer em mim novamente.

Minha mudez diz tudo àquilo que a minha voz não se atreve ou não suporta pronunciar.

O meu não-falar sou eu gritando no vazio e na inexistência da palavra.

Eu sou o meu Silêncio...!

Por não Caber

Andava com complexo de "não caber". Todos os lugares que estava lhe faziam sentir inadequada. Por vezes, por se sentir mais densa, mais espessa... Como se fosse um elefante em cima da mesa de jantar, que fora posto ali, por falta de idéia do dono da casa de onde melhor o acomodar.

Noutras, sentia-se como uma mariposa em um mantimento de açúcar. Lugar doce, exposto a luz, (o que lhe agradava), mais ainda assim a aprisionava, a sufocava! Não lhe cabia. Por alguns segundos, enquanto refletia, sentiu-se feliz por concluir que cabia em si. Reflexão que durou apenas um instante, pois lembrou-se como a solidão a machucava, como o medo de tudo se instalava de repente nela, de como às vezes, era necessário esconder-se de si mesma para não se perder nos labirintos de seus sentidos.

Então, ela resolveu não mais pensar! Regou sua planta, sentou-se à cadeira, e tomou absorta e vazia sua xícara de café...

Proposta Indecente.

Se eu te dissesse que carrego
pedaços de estrelas
asas de borboletas
gotas de chuva
e o cheiro dos lírios
dentro da minha mochila
Você passaria comigo a eternidade
do próximo segundo?

*

Tempestade Vermelha

Não ao amor e seus lados.
Nada de suspiros
lágrimas adocicadas
olhares suaves
toques delicados.

Eu quero é a paixão!
Com seu fogo ardente e latente
com suas tempestividades momentâneas
suas vontades ferozes
sua força arrebatadora.

Quero beijos flamejantes
e abraços estarecedores.
Nada de beijos e sonhos de vento
poesia ou luz do luar.

Quero me apaixonar!

Amar dá muito trabalho.

Tem que esperar o universo conspirar,
dois olhares se cruzarem.

E se encaixar em dogmas
e conjunturas sociais.

O amor é burguês!

Enquadra-se:

socialmente

religiosamente

humanamente.

A paixão não!

Esta só obedece a seu próprio umbigo,

Ele rodopia com os rótulos

brinca de esconde-esconde

com as regras!

Quero me apaixonar!

Me sentir viva

me sentir forte

e até ousar me sentir Bonita.

Quero me apaixonar

com a urgência de uma criança

e a ânsia de uma mulher

que engole a vida aos copos

e galopa os dias em ventanias!

Absorção

Discussão na aula, sobre a 1ª Guerra Mundial,
e toda a catástrofe que ela ocasionou no mundo.
E tudo o que os meus ouvidos realmente escutam,
é o som imaginário de tua voz,
embalando meus pensamentos frágeis e inúteis.

ELÂNDIA DUARTE (Paraíba) - Professora substituta do departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA e aluna do curso de especialização “Língua Portuguesa e Arte Educação” da mesma instituição. Página na web: *Pra Colorir o Incolor*. Endereço eletrônico: elandiaduarte.blogspot.com

| Ensaio

UMA LEITORA DE CONTOS

Por Maria Alzira Blum Lemos

Na época em que eu me formei como leitora as coletâneas eram praticamente tudo que eu tinha acesso. A maioria dos contos e novelas que li nesta época foi em coletâneas, que eram nos 60-70 uma forma comum de difundir literatura. Então, elas foram fundamentais para mim.

Ainda me considero em formação como artista. A formação é algo contínuo. A cada dia mudo o meu olhar sobre o passado, à luz do presente. O pensamento, a arte, a vida, não são estáticos. Então minha lista contém tanto obras que li na adolescência quanto obras que li mais recentemente. O critério para citá-las é que são textos que se incorporaram à minha maneira de pensar, sentir, criar, viver. Falo em obras, não em livros, principalmente porque, sobretudo no caso dos autores do século XIX, trata-se de textos que apareceram no Brasil em edições diferentes ao longo do tempo. Também chamo a atenção para que desconfiemos dos critérios fixos ou das verdades que parecem estabelecidas quando falamos em arte, literatura, gêneros literários etc. e para a possibilidade de que a classificação seja também criativa e crítica. Esta lista é, portanto, tão verdadeira quanto provisória e mutante.

Lá pelos 12, 13 anos, eu lia muito ficção, ciência, história, enciclopédias. Pegava livros na biblioteca do Sesi na cidade onde morava. Os contos de Anton P. Tchekov (1860 - 1904) (dica de edição recente: O assassinato e outras histórias, de 2002, da Cosac Nayfi) e de Franz Kafka (1883-1924). "O artista da fome", "Um relatório para a academia", "A metamorfose", "Carta ao pai", entre tantos outros, me impressionaram então. Acho que por se tratar de narrativas não conclusivas, que possibilitam a reflexão.

Foi também por coletâneas que conheci os textos de John Steinbeck (embora não saiba dizer o motivo pelo qual "O destino viaja de ônibus" ainda resista tão nitidamente na minha memória) e Thomas Mann; "Morte em Veneza" me impactou tanto pelo tema quanto pela abordagem. Estava num volume de novelas alemãs. Encontrei no Google referência a

uma edição com estas características dos anos 60, da Cultrix, mas não tenho certeza que foi esta que li.

Aos 16 anos tive contato com as obras dos dois autores que se tornariam grandes paixões e, sim, influências: Julio Cortázar e Jorge Luís Borges. Como acontece nas paixões, eu me vi nestes autores, me encontrei neles e incorporei à minha maneira suas visões de mundo e da ficção. Entre outras coisas, eles me impulsionaram a aprender espanhol por minha conta e adentrar na língua e na cultura hispânicas. Por isto, posso dizer que foram fundamentais na minha formação. O primeiro livro (neste caso livro porque a edição brasileira é uma tradução do original) que li de Cortázar foi *Bestiário*, volume de contos de 1951. Dentre os que li depois destaco *La vuelta al dia en ochenta mundos*, de 1967, um conjunto de narrativas curtas ilustradas que imbricam o autobiográfico a um conjunto de observações de mundo. Só recentemente saiu uma edição aqui, pela Civilização Brasileira, traduzida aliás pelos amigos Ari Roitman e Paulina Watch.

De Borges cito o primeiro que li, *Ficções*, de 1944, do qual constam "A biblioteca de Babel", "O jardim dos caminhos que se bifurcam", "Pierre Menard, autor do Quixote". A conexão entre autobiografia, ficção, pensamento, lógica, matemática, a fixação na leitura e na leitura de enciclopédias, tudo isto em Borges me fascina e obsessiona.

Nos anos 90, quando morava na Espanha, me impressionou o livro *Nunca llegarás a nada*, de Juan Benet. A edição brasileira, que tive a oportunidade de traduzir, saiu recentemente pela Civilização Brasileira. Benet não me influencia, a estranheza de seus relatos, a profunda diferença que estabelece com o leitor, sua capacidade de fazer coisas com palavras me fazem pensar e, por isso, admirar sua escritura.

Nos anos 2000, e continuo falando de narrativas curtas (as classificações, quando não são criativas, são tão insuficientes quanto injustas), li a obra de Mario Bellatin. (Há uma edição da obra reunida pela Alfaguara. No Brasil, tem uma edição de *Salão de Beleza*, traduzida por mim, pela *Leitura XXI*.) Não sei se posso falar em influência, mas coincido em algumas propostas estéticas deste autor, nos modos de articular. E recomendo que conheçam sua obra.

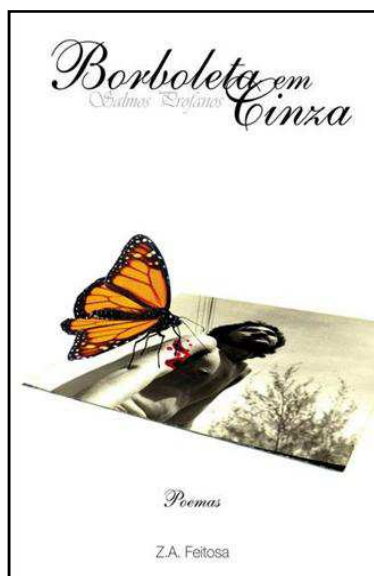
Entre os de língua portuguesa, meus favoritos (Fernão Mendes Pinto e Euclides da Cunha, entre os antigos) não escreveram contos. Entre os novos, estou devendo a leitura de Gonçalo Tavares (qual o gênero mesmo?). Eça de Queiroz (gosto particularmente de sua erudição, da forma como temas de ciência, filosofia e medicina aparecem nas suas obras) e Guimarães Rosa me impressionaram. Os contos de Tutaméia fazem jus ao que dizem de

Rosa, mostram seu pensamento-mundo. Não me influenciaram, mas são lições a ter em conta.

Para finalizar esta lista, terminado-a sem completá-la, já que pode ter muitas outras combinações possíveis, quero falar dos autores brasileiros da chamada Geração 90 (Marcelino Freire e Nelson de Oliveira, entre outros). Eles deram nova dimensão ao conto, à narrativa curta, tanto com relação às tradições quando à cultura contemporânea brasileira. Não sei se posso falar de influência. Mas tê-los conhecido e ter lido suas obras me incluiu num campo de diálogo e produção. São meus contemporâneos, fazemos coisas juntos, estamos aqui e agora.

MARIA ALZIRA BLUM LEMOS (São Paulo/Rio de Janeiro) - Escritora e Tradutora. Doutora em Comunicação e Semiótica. Autora, entre outros de *A ordem secreta dos ornitorrincos* (ficção, Amauta, 2008) e *O doutor e o jagunço: Ciência, cultura e mestiçagem em Os Sertões* (ensaio, Arte & Ciência, 2000). Está escrevendo *1979: a criação do mundo* (lançamento entre 2009-2010).

| Estante



FEITOSA, Z. A. **Borboletas em Cinza**: Salmos Profanos. São Paulo: Scortecci Editora, 2008

Iniciei a leitura de tuas "Borboletas em Cinzas" e confesso, já estou extasiado! Penso que a grande poesia só é grande se comover. A tua está cumprindo essa tarefa.

A cada poema, a cada verso vejo uma serenata de belas imagens e versos bem tecidos se derramarem por entre meus dedos.

"Celebre minha língua tuas palavras... possas amparar meu desejo com teu abraço". Olha, poeta que doce e aveludada inveja invade minha alma! Que alegria apocalíptica rasga suavemente meu peito. Agora creio que o Velho Rei, como Minerva ressurgiu e se encarnou nos teus poemas. O que mais me encanta na bíblia são os cânticos eróticos "salomanianos". Não é nenhum exagero, confesso, estou diante dum Salomão "pós-moderno"... Obrigado pelo prazer dessa leitura...

SEBAH (SEBASTIÃO COSTA ANDRADE) (PARAÍBA) - Antropólogo, professor universitário e poeta. Autor dos livros: *O Homem e a Mulher no Cancioneiro Popular: Um Olhar Antropológico e Cânticos Eróticos e Entrelaçados*.



JUNG, C. G (org.). **O Homem e seus símbolos**.
Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

O que é sonhar senão a arte de contarmos estórias - com direito a efeitos especiais de todos os tipos - para nós mesmos? Há até quem diga que a prova de que todos nós temos capacidades artísticas vem do fato de sermos capazes de criar - durante os sonhos - enredos, personagens, paisagens e efeitos psicodélicos.

Para Carl Gustav Jung e seus mais dedicados discípulos - e esse é o argumento base de *O homem e seus símbolos* - tudo isso não acontece por acaso. De acordo com o psicanalista suíço, ex-discípulo de Freud e pai da psicologia analítica, noite após noite, por meio dos sonhos, nós recebemos mensagens do nosso inconsciente, referentes

a aspectos das nossas vidas. No entanto, o conteúdo destas mensagens nos é transmitido indiretamente, através de uma linguagem simbólica, colhida no conjunto de signos que formam a nossa cultura e que, muitas vezes, acompanham o ser humano há milhares de anos.

O mais interessante é que Jung, em sua teoria, consegue, por um lado, não ficar preso a determinadas concepções científicas sobre a função dos sonhos e, por outro, tratar o tema como naturalidade, sem apelar para mistificações baratas, o que torna a leitura de sua última obra (concluída apenas dez dias antes de sua morte) obrigatória para os que buscam entender melhor a dinâmica dos sonhos, conhecer os significados psíquicos de muitos dos símbolos (re)criados no decorrer da História por diversas culturas, aprofundar-se no conhecimento da mente humana e entrar em contato com o auto-conhecimento, sem ficar na mesmice dos livros de auto-ajuda.

Felizmente, este contato é facilitado pela linguagem do livro - feita para o público leigo - que é bastante leve e, além disso, vem acompanhada de mais de quinhentas ilustrações sobre os mais variados símbolos criados pelos seres humanos ao longo da história.

POEMAS DE JORGE ELÔ**Eu**

Podem me olhar
O tempo que quiserem.
Nada descobrirão
Sobre o que penso.
Nada saberão sobre mim.
Podem me torturar,
Da forma que quiserem
Que ainda assim
Manter-me-ei aqui dentro,
Solitário e sorridente.

E não se enganem.
Mesmo que quisesse
Seria impossível explicar o que sinto.
Seria uma tentativa desastrosa,
Em vão.
Não existem palavras,
Expressões ou metáforas que
Defina o que se passa
Quando fecho os olhos.

Por isso peço que desistam.
Nada pode me arrancar
De mim mesmo.

Inconstante

Nem sempre acordo
Aquilo que fui dormir.
Às vezes sorrindo,
Às vezes fingindo sorrir.

Sigo em frente,
Ansioso com tantos planos,
Completo por sonhos e desejos
Mas vazio pelos desenganos.

E assim, todos os dias
Permaneço perguntando:
Quando vou poder olhar no espelho
E saber quem estou olhando?

Tudo que desejo ao amanhecer,
Bem antes de o sol nascer,
É não continuar me metamorfoseando.

*

O sobretudo

Um sobretudo
Sobre tudo
E sobretudo,
Do frio.

Uma abertura
Na costura.

Uma fissura

No vazio.

E minha

Branca Negra pele

Multicoloriu.

Mas sobretudo,

Sobre tudo,

Um sobretudo

No vazio.

*

Alado

Sinto como se

ao seu lado

eu possuísse asas de

dragão alado.

Asas de anjo vomitado

do céu

por ter-se apaixonado.

Asas resistentes ao sol

feitas de titânio.

Asas que não carrego só

nem sinto-me estranho.

*

Tão linda com cabelos despenteados.

A única janela
Torna-se suficiente para
Que a luz do sol entre.
Invade sem calma, reflete-se
Em milhões de filetes invisíveis,
Rasgando meus olhos que acabaram de acordar.
Resistente, olho ao redor.
Livros de pintura jogados,
Roupas sujas amontoadas,
Garrafão d'água vazio,
Poeira e restos,
Ausências...

No pequeno cômodo em que
Encontro-me,
Mesmo abarrotado
Sem o mínimo espaço,
Sinto estar vazio.
Sinto que falta
A cor gelo
Que de tão branca tem
Visível suas veias.
Faltam os ecos das risadas
Escandalosamente soltas.
Falta o cheiro e a força
Daquela vida
Tão linda com cabelos despenteados.

Levanto-me e preparo o café.
Estico a coluna fraturada,

Volto-me a sentar no colchão,
Acendo um cigarro.

Penso na vida que vive
Lá fora, ávida por envelhecer.
Penso que talvez ninguém
Queria saber o que estamos fazendo
Aqui,
Neste mundo ingrato por tantos mistérios.

Sinto-me estranho, inseguro.
Como não há espelhos,
Imagino como devo estar.
E nesta projeção de mim mesmo,
Estou fora de esquadro,
Como Quasímodo,
Como o Pequeno Senhor Friedman.

O mundo estranhamente
Está sorrindo sem mim.
Está vivendo, multiplicando
Suas neuroses sem mim.
Permaneço despreocupado
Em cima do colchão coberto de esperma e
Ácaros.

Dou uma risada de canto de boca,
Cínica, como quem está para
Reviver.
O tempo de estranhamento
Está para acabar,
Pois alguém tão estranho
Quanto eu

Abre a porta.
Sorri por detrás do seu Ray Ban
E me permite invadir seu corpo
Quente e iluminado.
Ficaremos deitados e sorrindo
O pouco que resta de nossas vidas.
Deixem que matem e morram
Por dinheiro e poder.
Existir somente
Basta-nos!

*

Duff e Brinda

Bem mais próximo do que
Sonhamos ser possível,
Ainda mais intensos e dourados do que
Klimt,
Dispersos, rebeldes e imaturos,
Desbravando o mundo, debruçados na janela,
Arrancando com a mão direita
Os prazeres da mão esquerda,
Sempre renovando nossa capacidade
Infinita de transformação,
Recriação e
Destruição,
Estaremos existindo dia após dia.

Somos bem mais que um casal,
Somos àquilo que pulsa vida
Distante da materialidade do mundo.
Somos o universo que sustenta estrelas,

Que alarga seus buracos negros a cada novo trago de cigarro.
Somos vidas habitadas por minúsculos seres
Que despercebidos carregamos por onde passamos...

Pedaços nossos já multiplicaram,
Estamos indo muito bem
Meu bem!
Basta-nos descobrir o que fazer
Quando já velhos,
Com toda a experiência
De nossa excêntrica existência,
Começarmos a dissipar-nos
Em partículas ínfimas de vida,
Agora sem qualquer poder de decisão
Sobre ir ou ficar.

*

O preço da sinceridade às vezes é a solidão

Se não escrevo mais
Não é por falta de sentir,
Mas porque sinto em excesso.

Os sentimentos estão
Cada vez mais
Complexos,
E as palavras
Cada vez mais
Escassas.

O mundo, o futuro,
As promessas de vida,

O sonho de consumo
Tudo esfumaçado.

Quem sabe amanhã
Ao acordar
Tenha algo
Suspenso sobre minha cabeça.
Algo que me lembre
Tudo que venho esquecendo.
Algo vivo que me ensine
O que é a vida.
E que me faça ver
Que a arrogância de querer ser a si mesmo
Às vezes se perde na homogeneidade
Das multidões.
E que o preço da sinceridade
Às vezes é a solidão.

Se não escrevo não é porque
Deixei de sentir,
E sim porque venho diluindo-me
Cada vez mais
Na normalidade moral,
Social, sexual, material
Desta sociedade
Tortuosa e torturante.

| Conto

JOANA E O HOMEM DE PEDRA

Por Anacleto Vieira de Sousa

Joana é uma menina linda. Tão linda que dá dó. Tem sete anos. Não mais do que isso. Sete anos apenas. Magra. De uma magreza quase ossuda. Cadavérica. O contraste dessa forma seca é a barriga cheia, redonda e reluzente sob o sol brilhante de todos os dias. Inchada. Mora em um casebre na rua das três raças. Bem melhor se dizer uma viela. Uma viela milagrosa. Pois os dejetos humanos são expostos a céu aberto num córrego de água escura que fede tal qual uma fossa e serpenteia entre os casebres de madeira. No entanto, inacreditavelmente, naquele lugar se construiu uma comunidade de seres humanos. Ali, bem ali, justamente onde as moscas criaram seu reinado. Elas voam pelo espaço aéreo como se fossem fadas e pousam na barriga redonda e reluzente de Joana. E é nela que põem seus ovos e suas fezes. Outro fato extraordinário é que do nariz da menina sempre escorre um filete de um líquido pegajoso esverdeado, de um verde de abacate, que desce pelo canto da boca até chegar ao queixo, forçando-a a ficar fungando e chupando toda hora para não sujar o seu vestido roxo que está usando especialmente neste dia para pagar uma promessa da sua mãe. Joana é uma menina linda. Tão linda que dá dó.

Sua mãe é um anjo de candura. Que candura! Uma devota que se veste com uma roupa branca para agradar nossa senhora. A roupa, de retalhos feita, apanhados no lixo da casa de uma costureira, já apresenta um certo desgaste, acentuado pela sujeira do dia a dia. Mas quando sorria com uma agonia latente dizia que Deus é simplicidade, paz, amor e prosperidade. E que três sementinhas são a base da sua fé: pai, filho e espírito santo, claro, se fossem plantadas no chão daquele que ouve a voz de Deus. Essa mãe dadivosa fizera uma promessa para que, no dia do aniversário de sete anos da Joana, ela, a Joana, fosse à grande Catedral construída no ponto mais alto da cidade para purificar-se dos malefícios da vida. Um ritual. Pagar uma promessa materna. Promessa feita para que ela nascesse, porque uma anemia quase consumira o útero criador durante a gestação.

Ela já tinha ido com sua mãe outras vezes à igreja para pedir perdão dos pecados que não tinha certeza se realmente os cometia. Estranhava que outras pessoas a olhassem atravessada. Parecia uma coisa de outro mundo quando as duas davam os primeiros passos na nave da catedral. Os olhares agudos investigavam as entidades fabulosas que na abóbada desaguavam. Sua mãe não dava importância e sentava em um dos bancos para ouvir a pregação do padre. Na igreja, no altar, tinha um homem deitado numa caixa de vidro. Sua mãe dissera que era o nosso senhor que se sacrificara para lhes salvar. Esse homem deitado, imóvel como uma pedra, possuía uma beleza divina. Parecia um príncipe. Só não entendia muito bem porque estava quase nu. Será que ele era do jeitinho delas? Será que ele não tinha dinheiro pra comprar roupas pra cobrir a vergonha e por isso foi transformado em pedra? Pensou isso por causa da sua mãe outro dia ter brigado com um homem lá da rua, um bêbado, e mandou que ele escondesse sua vergonha, seu pecado, só porque estava de cuecas. Nosso senhor também está só de cuecas, não é não? Ou será que foi esse o sacrifício? Ser transformado em pedra quase nu? Mas que ele era um príncipe muito do bonito lá isso ele era.

Parte a menina vestida de roxo a fim de pagar a promessa. Sozinha pela primeira vez. No bolso da blusa leva três moedas de ouro para depositar aos pés do nosso senhor crucificado: uma é como se fosse a simplicidade, uma a paz e a outra o amor. Quando estivesse na igreja deveria por uma moeda de cada vez e fazer uma oração para o pai, uma para o filho e outra para o espírito santo, se não uma desgraça cairia na vida delas. Só que dez graças maiores que estas não poderia ter: pobreza, sujeira, abandono, fome, pedintência, desventuramento, carência, suburbanismo, doença, subserviência e ainda ter que doar as três moedas de ouro. Espere aí! De onde saíram essas três moedas de ouro? Sua mãe nunca tinha falado acerca dessas moedas. Para de súbito no meio da rua com a pergunta lhe inculcando a mente.

— O que uma menina tão linda faz na rua sozinha? Um mendigo barbudo, de nariz grande e fedendo como um cachorro que come carniça lhe pergunta com voz arrastada.

Não quis responder. Olhou com medo para o estrupício na sua frente lembrando das histórias de homens que fazem sumir as criancinhas que não seguem os ensinamentos do Senhor.

— Vamos minha menina, não quer responder? Está com medo de mim? Insiste o mendigo.

Um tremor lhe faz tremer as pernas e o queixo bate como se caísse neve nas ruas quentes do nordeste.

— Vou pra igreja deixar essas moedas pra pagar uma promessa. Responde a menina entre uma queixada e outra.

Os olhos do mendigo brilham como duas estrelas em noite de lua cheia ao ver o vil metal reluzente, pondo a mão no ombro da menina, se ajoelha e pergunta com um tom paternalista:

— E qual a igreja que o anjo vai visitar?

A Catedral.

— Muito bem, faz muito bem meu docinho. Guarde essas moedas que algum ladrão pode tentar roubá-las de você. — Delicadamente fecha a mão da criança e a coloca no bolso do vestido roxo. — E como você vai pagar essa promessa?

— Mamãe disse pra botar as moedas na cesta do pé do altar, uma de cada vez, e rezar três vezes. Sabia que no altar tem um homem bonito deitado como se fosse um príncipe dormindo?

— É? E você gosta dele?

— Gosto de ficar olhando ele.

— Coitado do príncipe.

— Por que seu moço?

— Me chame de João. Joãozinho.

Ele se levanta tomando a mão da menina, que já não tinha tanto medo ao sentir a meiguice falsa do estropício mendicante, e saem caminhando a procura da Casa Celestial. E num tom senhorial, tal qual um narrador bíblico, Joãozinho lhe conta a história do homem de pedra.

— Aquele pobre homem foi enfeitado. Ele era um príncipe...

— Eu sabia, ele é príncipe, ele é um príncipe...

— A barriga da menina mais parece uma bola com os saltos que ela dá ao redor do seu novo amiguinho.

— Calma minha serelepe. Não chame a atenção dos outros senão não vai poder salvar o príncipe. Ele foi transformado em pedra porque um homem muito malvado tinha medo dele. E para salvar ele, uma criança tem que pegar o dinheiro que está no altar e dar a um mendigo que fica sentado na calçada da igreja.

— Isso é errado. Minha mãe disse que o dinheiro é para o Senhor.

— Mas o mendigo é o mensageiro do senhor. Só que naquela igreja tem um homem mau, vestido de preto, que não deixa o mendigo pegar o dinheiro do senhor pra que eu entregue a meu pai. Viu? Por isso não posso entrar. O homem só deixa uma criança linda como você chegar perto do altar. E tem mais. Você me entrega o dinheiro, aí, volta e beija os pés de pedra que o príncipe vai ser desencantado. E quem desencantá-lo pode fazer qualquer pedido que ele vai atender.

— Eu posso pedir pra gente ficar rico?

— Claro que pode. É só fazer o que eu lhe disse que o milagre acontece. Então?

Mal diz a ultima palavra quando se lhes desvela a opulência celestial. O mendigo solta a mão da menina, ela entra na igreja vazia se aproximando do altar e põe as moedas no cesto de vime. Olha para um lado, para o outro, não se vê viva alma. Segura com firmeza o pequeno cesto para logo em seguida sair correndo. Lá fora, ansioso, lhe espera o mensageiro sentado na escadaria. Recebe das pequeninas mãos a arca do tesouro, aliança entre deus e os homens. A menina ainda olha o estrupício sumir entre as árvores da praça semelhante a um duende doente capengando de soberba. Nervosa, Vestidinho Roxo volta para o altar. Encontra uma portinhola e entra na caixa de vidro. O coração palpita sem parar. As mãozinhas estão suadas. Ela aproxima o rosto dos pés do grande homem de pedra e toca com os lábios a estátua fria. Espera o príncipe se levantar... nada. Beija novamente... nada. E beija de novo, de novo, de novo, de novo, de novo e de novo. Fica frenética e repetitivamente beijando o homem de pedra...

— Mas o que é isso?

— Ela olha para o lado e vê um homem vestido de preto. O corpo estremece. Tenta sair da caixa de vidro e tropeça na portinhola. A fim de não cair, se agarra a toalha do catre e sai puxando a estátua para cima de si. Cai de costa contra o chão e olha para o alto a tempo de ver o homem de pedra tombar como se estivesse vivo. Eu quero sair daqui. Pensa enquanto chora. O belo príncipe desaba sobre a criança e lhe dá um beijo violento quebrando-lhe o pescoço.

| Ensaio

PODER, DOMINAÇÃO E LEGITIMIDADE EM “O PODEROSO CHEFÃO”

Por João Matias de Oliveira Neto

A representação do poder está para a sociedade assim como o peso das instituições sobre a vida de seus convivas. Na descrição de Raymond Aron, em seu brilhante ensaio no qual pretende fazer, em cerca de 80 páginas, uma síntese do pensamento de Max Weber, poder significa “a probabilidade de um ator impor sua vontade a outro, mesmo contra a resistência deste” (ARON). Contrariamente, a dominação “é a situação em que há um senhor; pode ser definida pela probabilidade que tem o senhor de contar com a obediência dos que, em teoria, devem obedecê-lo” (ARON). Poder e dominação, nas palavras conclusivas de Raymond Aron:

A diferença entre poder e dominação está em que, no primeiro caso, o comando não é necessariamente legítimo, nem a obediência forçosamente um dever; no segundo, a obediência se fundamenta no reconhecimento, por aqueles que obedecem, das ordens que lhes são dadas. (ARON)

Duas formas diferentes de reagir a situações semelhantes, em que a própria definição de poder, entendido na chave weberiana de compreensão sociológica, isto é, compreender a sociologia através do sentido das ações de seus indivíduos e sua própria concepção subjetiva sobre elas, é a que mais legitima o caráter humano de sua diversidade. Não é, portanto, espantoso ter escolhido como tema deste derradeiro ensaio uma análise sobre a constituição tradicional e despótica da representação das máfias italianas tão bem narradas no livro do escritor americano Mario Puzo e filmada magnificamente por seu conterrâneo famoso Francis Ford Coppola. Juntos, Puzo e Coppola compuseram 10 horas de uma trilogia intitulada *The Godfather* (O Poderoso Chefão no Brasil, o Padrinho em Portugal), no intento de reproduzir a relação inter e extrafamiliar das máfias italianas que assolaram os Estados Unidos nas décadas de 40 e 50 e até alguns anos após esse período. Uma lição de cinema, montagem, fotografia e, sobretudo, atuação.

Puzo retrata, em uma adaptação de livro homônimo publicado em 1960 e escrito pelo próprio, a vida e a história da família Corleone, a partir do primeiro momento em que o jovem Vito Andolini recebe a alcunha de Corleone por ocasião de sua recepção nos Estados Unidos, órfão, sozinho, vindo diretamente de sua terra natal, Corlone, no Estado da Sicília. Ao longo do seu crescimento e desenvolvimento como jovem abandonado, pervagante dos bairros italianos em uma América subdividida entre nativos e estrangeiros, o jovem Vito Corleone deparou cedo com os aspectos frios e motivadores de um crime organizado importado já desde os primeiros imigrantes italianos na América. A constituição das máfias, que legavam ao Don o poder máximo sobre os familiares e a quem lhe estivesse submetido por via dos famosos “favores”, não era uma novidade: foi uma surpresa para Vito encontrar em “território livre” o que já via em exaustão na sua cidade siciliana. Os Corleone, os Tattaglia, os Sollozo, os Buzzini, os Tomazzino, os Zasa, cada uma dessas poderosas famílias com seus representantes, seus laços de parentesco, tradições culturais, sua representação simbólica de poder na região de que se servem em prol de mais e mais poder e, sobretudo, o que é importante para este ensaio, a dominação sobre os subordinados e a legitimidade com que eles conferem à figura do padrinho o destino de suas vidas, o atendimento a seus favores. Subordinados, incluindo os próprios familiares, cuja legitimidade da ordem e do poder viria ainda sob a forma mais recompensadora de um título: o futuro Don, o chefe da família e o senhor da riqueza moral e financeira.

Para efeito, é este Don que interessa, particularmente como um homem cujo poder transcende inclusive as barreiras do crível vivido pelo próprio personagem encenado por um time composto de Marlon Brandon, Al Pacino e Robert De Niro. Todos, ao longo das três partes do filme, no empenho de reconstruir a vida de Vito Andolini Corleone, nas mais diversas épocas, imersos na figuração de um personagem cujo signo desse poder sobre todos deve vir estampado na própria face e correr o palmilhar dos braços até a mão onde, simbolicamente, beijam-na seus subordinados ao dizer “Padrinho” ou “Don Corleone”, constituindo todos os tipos de ação racional com a exceção de uma, a ação afetiva ou emocional. Um Don Corleone que, diga-se de passagem, pegou o bonde andando e aderiu a um sistema de valores o qual não concebeu e acabou por conhecer todas as regras e jogar conforme o que o jogo impunha, tal como a maioria dos subordinados e familiares (a maioria deles, sobretudo as mulheres, a revelia de não aceitar conviver com os crimes e a perda freqüente de parentes). Explicando a relação entre indivíduo e sistema de valores, Aron assevera:

Dentro de cada sociedade surgem conflitos entre grupos, partidos e indivíduos. O universo de valores a que cada um de nós acaba aderindo é uma criação ao mesmo tempo individual e coletiva. Resulta da resposta da nossa consciência a um meio, ou a uma situação. Portanto, não tem cabimento transfigurar o sistema social existente e atribuir a ele um valor superior ao da nossa própria escolha. Este último é, talvez, criador do futuro, enquanto o sistema que recebemos representa a herança do passado. (ARON)

Perfeitamente integrado ao sistema, anos após sua chegada aos Estados Unidos, Vito Corleone tem em vista já uma família formada e seu império econômico e moral constituído, em parte pelo poder que exerce sobre seus associados e subordinados (os primeiros, jornalistas, políticos, policiais; os segundos, capangas, amigos da família e amigos de favores), em parte sobre o próprio sistema familiar. É, então, aí que, amparado ora no domínio de técnicas e experiências reconhecidas pelos poderosos e por seus associados, ora reconhecido como a tradição viva da família que é sustentada pelo dinheiro juntado pelos Corleone e lhe devotam uma fidelidade mais tradicional que exatamente carismática, que na figura de Vito Corleone misturam-se, dentro da tipologia da dominação, a dominação racional (os subordinados e associados) e a dominação tradicional (os filhos, netos, esposas). Não se considera, pois, que o Don goze de dominação carismática porque ninguém o põs na posição que ocupa, ninguém o vangloria por seus feitos, nem todos gostam do que ele faz e também nem todos são autorizados a questionar o motivo de seus feitos. A obrigação de permanecer na família é tradicionalmente uma obediência, uma ação racional em relação a valores e ocasionalmente a fins. Não lhes resta outra opção, simplesmente. No sentido a que o próprio Max Weber alude em seu *Economia e Sociedade*:

Obediência significa, para nós, que a ação de quem obedece ocorre substancialmente como se este tivesse feito do conteúdo da ordem e em nome dela a máxima de sua conduta e isso unicamente em virtude da relação formal de obediência, sem tomar em consideração a opinião própria sobre o valor ou desvalor da ordem como tal. (WEBER).

Desse modo, a relação do chefe da máfia com seus familiares, e a legitimidade que a conferem os seus, repousa sobre laços familiares tradicionalmente estabelecidos e mantidos sob a égide dos laços de parentesco que determinam a continuação da família e sua

educação rígida. Em suma, “Denominados uma dominação tradicional quando sua legitimidade repousa na crença na santidade de ordens e poderes senhoriais tradicionais. (...). A ele se obedece em virtude da dignidade pessoal que lhe atribui a tradição” (WEBER). Fazendo dessa ordem patriarcal os parentes seus súditos, eles diferenciam-se dos subordinados pela não obrigatoriedade em se submeter a tarefas. Os parentes constituem causa e motivo em si. Nesse caso, Vito é somente um “senhor pessoal”, e não um “superior”. Tais ordens do Padrinho não possuem o caráter oficial das repassadas à camada burocrática dos servidores e subordinados, elas se amparam no conteúdo próprio sentimental e na crença no sentido e alcance das ordens, isto é, por mais encrocado que o Padrinho esteja, os familiares, por uma ligação sentimental, estarão com ele. A ação de Vito como senhor pessoal, nos dizeres de Weber, é a de uma “ação do senhor materialmente vinculada à tradição” quando age conforme os limites de sua própria condição de Padrinho zeloso dos princípios éticos e morais da família. Isto é, não há o acordo oficial e formal da dominação legal. Nas palavras de Max Weber:

A natureza efetiva do exercício de dominação está determinada por aquilo que habitualmente o senhor (e seu quadro administrativo) podem permitir-se fazer diante da obediência tradicional dos súditos, sem provocar sua resistência. Essa resistência, quando surge, dirige-se contra a pessoa do senhor (ou servidor) que desrespeitou os limites tradicionais do poder e não contra o sistema como tal (“revolução tradicionalista”). (WEBER)

Ainda em referência à dominação tradicional e influência do chefe sobre a família, vale ainda se referir à ordem como patriarcal, mas não gerontocrática, uma vez que, na própria sucessão do Padrinho Vito Corleone, o escolhido, Michael Corleone (Al Pacino, em atuação fantástica), era o filho mais novo e até então desinteressado pela ‘cosa nostra’ dos Corleone, a despeito dos outros irmãos, sedentos por sentar-se no trono maior da família. Max Weber faz referência às relações entre patriarcalismo e gerontocracia e sua legitimidade sobre a tradição dos súditos no seguinte trecho:

O decisivo é que o poder, tanto dos gerontocratas quanto dos patriarcas, no tipo puro, se orienta pela idéia dos dominados (“associados”) de que essa dominação, apesar de constituir um direito pessoal e tradicional do senhor, exerce-se materialmente como direito preeminente dos associados e, por isso, no interesse destes, não havendo, portanto, apropriação livre desse direito por parte do senhor. (WEBER)

Considerando ainda que a dominação tradicional não isenta subordinados e capangas do próprio Vito ou Michael Corleone de uma adesão fanática a seu chefe, tanto a ponto de os laços formais se quebrarem em virtude de uma relação mais pessoal e direta (o ofício do ‘conselheiro’, ou ‘consiglieri’, que tem uma relação mais próxima com a família e o próprio chefe, pode ser essa exceção entre os subordinados), o sociólogo faz menção a um quadro administrativo semelhante à da guarda pessoal do Padrinho: “Ao surgir um quadro administrativo (e militar) puramente pessoal do senhor, toda dominação tradicional tende ao patrimonialismo e, com grau extremo de poder senhorial, ao sultanismo.” (WEBER). Entretanto, as relações formais e legais são mais do que insistidas, sobretudo na orientação de Vito Corleone ao entregar seu lugar ao filho Michael. A relação do Padrinho com as outras famílias e seus subordinados e associados é, enfim, de um poder moral, financeiro e institucional muito forte, organizado segundo códigos de conduta, normas e leis formais rígidas e determinadas para ser baseado em dominação tradicional ou carismática. Somente uma burocratização que se estende ao consiglieri (conselheiro do Padrinho), isolando toda a família do processo, que os subordinados garantem uma coesão necessária ao denso trabalho de encobrir fatos e comprar testemunhas. A legitimidade do Padrinho, nesta acepção, baseia-se na experiência acumulada e técnica adquirida com o passar dos anos. Há uma dominação racional, assim, por parte do Padrinho com seus subordinados e deles com os associados (jornais, políticos, juízes), uma vez que, para cada setor, há uma relação diferente, uma racionalização das capacidades e deveres distintas, e que pode ser observada nessa definição sobre a administração burocrática:

Administração burocrática significa: dominação em virtude de conhecimento; este é seu caráter fundamental especificamente racional. Além da posição de formidável poder devida ao conhecimento profissional, a burocracia (ou o senhor que dela se serve) tem a tendência de fortalecê-la ainda mais pelo saber prático de serviço: o conhecimento de fatos adquirido na execução das tarefas ou obtido via “documentação”. (WEBER)

Embora altamente burocratizada a relação entre O Padrinho e seus associados, as relações do senhor da máfia com os subordinados (capangas, amigos de favores, ajudantes) recai em uma interface entre dominação legal e tradicional, haja vista que tanto se aproximam do conceito de dominação tradicional no que ele pressupõe de mais sagrado e

enraizado na alma dos sujeitos, como também há acordos formais e uma distinção de reconhecimento oficial do chefe da máfia mais do que tradicional. Isto é, o Don nomeia, mas os subordinados, por reconhecimento de competência e do conhecimento na técnica do crime e cooptação, optam por servir a Don Corleone em vez de Don Tomazzino, Don Tattaglia ou Don Buzzini. Certo é que Don Corleone exige de seus subordinados uma postura e competência burocrática que não se vê em relação a seus familiares (na verdade, somente alguns filhos têm autorização para envolver-se na *cosa nostra*, dos outros se exige distanciamento), e que Weber descreve em poucas linhas o caráter desses funcionários: “são pessoas livres; obedecem somente às obrigações objetivas de seu cargo; são nomeados e não eleitos, em uma hierarquia rigorosa de cargos; têm competências funcionais fixas.” (WEBER). Sobre este quadro administrativo e burocrático dos subordinados, é ainda oportuno uma definição mais abrangente do próprio caráter da dominação legal, em diferenciação ao conceito de dominação tradicional já tratado no presente texto:

O tipo mais puro de dominação legal é aquele que se exerce por meio de um quadro administrativo burocrático. Somente o dirigente da associação possui sua posição de senhor, em virtude de apropriação ou de eleição ou de designação da sucessão. Mas suas competências senhoriais são também competências legais. O conjunto do quadro administrativo se compõe, no tipo mais puro, de funcionários individuais. (WEBER)

Mario Puzo conseguiu com *O Poderoso Chefão* construir uma rica hierarquia de poderes, dominações e legalidades, imersas no livro e no filme no formato da relação das máfias com o dinheiro, das máfias entre elas, das máfias com seus associados e dos subordinados e familiares com a composição dessas ordens criminosas. Logo, a pluralidade de temas que procurei catalisar para fazer deste ensaio o mais proveitoso possível se restringiu à composição interna e mantenedora dos Corleone, através da dominação que a figura indispensável do Padrinho, o Don, o Poderoso Chefão têm sobre os parentes, os subordinados e associados (o que mantém a estabilidade interna). A síntese do poder e da dominação já se encontra presente no próprio título do livro e do filme. O sentido que a narrativa fluente do roteiro dá a quem o percebe é de continuidade dessas relações ora frias, ora quentes, entre dominadores e dominados, poderosos e poder instituído. Subentende-se não um fim, mas uma continuação que subsiste nas relações humanas, nas ações sociais dos sujeitos que perenizam instituições e conceitos, sacralizam costumes, educam seus filhos para um mundo por eles criado ou a tudo isto se opõe. Indispensável é o conceito de Georg

Simmel acerca das chamadas sociações e seu caráter perpetuador das relações humanas e dos contributos por ela gerados. Segundo este autor, o caráter fundador da unidade social é o conflito entre opositores, as relações sociais que geram conflitos, debates e, apesar de separar os indivíduos no tempo e espaço, mantém a coesão social e perpetuam os feitos destas mesmas relações através de tudo que se foi produzido e debatido com elas: Estado, igreja, famílias, instituições. E não é difícil, no filme em questão, perceber que há uma oposição de interesses entre o Padrinho e os que resistem à ordem estabelecida, sem voz ou não dentro da família. Simmel, em consonância com o raciocínio sobre as dominações de Max Weber, assim se manifesta sobre a unidade social que efetiva tais dominações através do tempo:

O que mais comumente coloca o problema da permanência própria dos grupos sociais é o fato de que eles se mantêm idênticos a si próprios, ao passo que seus membros ou se alteram ou desaparecem. Dizemos que é o mesmo Estado, o mesmo exército, a mesma associação, que existe hoje e que já existia há dezenas e, talvez, centenas de anos atrás; entretanto, entre os membros atuais do grupo, não há, entre eles, um que seja o mesmo de outros tempos. (...). A união espiritual dos homens triunfa sobre sua separação no espaço. (SIMMEL)

Algo, entretanto, percebe-se do futuro a que cada Don se destina, depois de o substituto já escolhido e a família entregue em mãos seguras: o ostracismo, a velhice, o relegado posto de conselheiro distante em uma fazenda no longínquo Estado da Sicília. Procurados por outros Padrinhos ainda em atividade, chefes de famílias com dúvidas sobre como proceder em uma atitude deveras arriscada para conquistar o sucesso planejado (os chefões viajam milhas de distância em aviões particulares somente para se consultar com um desses), esses Dons prostrados, já quase falecidos (a maioria em cadeira de rodas), entregam-se às lembranças de sua atividade como Poderoso Chefão e preocupam-se em passar essa habilidade técnica e destreza moral para os que chegam a sua presença. A consulta assemelha-se a uma relação de pai para filho, do velho para o novo, do experiente para o inexperiente, da dominação passada entre pai, padrinho e apadrinhado geração a geração. Talvez essa mesma a grande razão de serem chamados Padrinhos.

Referências bibliográficas

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 1 ed. São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2004.

SIMMEL, Georg. **Como as formas sociais se mantêm**. In: Evaristo de Moraes Filho (org.). Georg Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

JOÃO MATIAS DE OLIVEIRA (Paraíba/Ceará) – Aprendiz de escritor, sociólogo e jornalista. Graduando em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, e Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. É autor do Livro de Contos: *Aos Olhos de Outro* (2007) e mantém o blog: www.blogmatias.org

